

Boa Nova para cada dia / abril 2016

Tempo Pascal – Anunciação do Senhor / S. Marcos, Evangelista / Santa Catarina de Sena

Sex, 1 – 6º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

1ª SEXTA-FEIRA

At 4, 1-12 / Slm 117 (118), 1-2.4.22-27a / Jo 21, 1-14

Foi esta a terceira vez que Jesus Se manifestou aos discípulos. (Evang.)

E ao leitor, quantas vezes é que Jesus já Se manifestou? Relembre isso. Ou acha que Jesus não Se lhe manifesta. Acha que Jesus não tem uma relação pessoal consigo? Então, que Jesus é o seu? Está na hóstia, na cruz, nos sacrários mas não lhe diz nada, não está no seu coração. Se é assim, é mais que tempo de O interpelar. Ele deve estar morto por falar consigo, por lhe transmitir alguma coisa, por Se lhe transmitir. O que será?

Sáb, 2 – 7º DIA DA OITAVA DA PÁSCOA

1º SÁBADO

At 4, 13-21 / Slm 117 (118), 1.14-21 / Mc 16, 9-15

(...) não acreditaram. (Evang.)

Muitas vezes, o nosso problema é não acreditarmos que Jesus está vivo. Claro que acreditamos. Mas continuamos egocêntricos, incapazes de fazer um favor que nos tire do nosso ramerrão, da nossa hora de ler o jornal, de ver as notícias, de ver a telenovela, de ir jantar fora como combinado, incapazes de ouvir uma pessoa aborrecida, de dar uma boleia. Este Jesus é um Jesus de rezas mortas. Não são orações, são rezas! A oração do leitor é morta ou viva?

Dom, 3 – DOMINGO II DA PÁSCOA – Ano C

At 5, 12-16 / Slm 117 (118), 2-4.22-27a / Ap 1, 9-11a.12-13.17-19 / Jo 20, 19-31

Pedia-nos o Papa Francisco, no início da Quaresma, que esta fosse vivida como um «tempo forte para celebrar e experimentar a misericórdia de Deus». Tanto tem insistido o Papa para que nos recordemos que Deus é um Pai misericordioso. Hoje a Igreja celebra o Domingo da *Divina Misericórdia* e somos convidados a acompanhar S. Tomé no encontro com o Senhor misericordioso.

Exclama S. Tomé, aquele a quem chamavam «Gêmeo»: «Meu Senhor e meu Deus». Esta é a declaração máxima de fé que podemos fazer a Deus e à qual somos chamados pelo anúncio daqueles que viram e escutaram o Senhor. Tomé é o *Gêmeo*: *gêmeo* de cada um de nós que temos dificuldade em acreditar, mas que somos chamados a ser como ele, *gêmeos* de Jesus Cristo mediante a fé. Tomé queria ver e tocar o Senhor para ter a certeza que era Ele mesmo que tinha ressuscitado, mas quando o Senhor visitou os seus ele não estava. Na verdade, verá o Senhor, mas dentro da comunidade, dentro da Igreja que é presença do Senhor ressuscitado.

Para nós é muito bom que Tomé tivesse saído naquele dia porque assim podemos compreender melhor o que é a fé.

Quando o Senhor repreende Tomé, está a dizer-nos: «Felizes os que creem sem terem visto!». A fé é substancialmente a mesma para nós e para os primeiros discípulos, mas como somos chamados a acreditar? Como as crianças! Um «racionalista» acredita na sua razão ou em certos princípios; um «moralista» acredita na obrigação em cumprir o bem; um «tradicionalista» considera infalível aquilo que «sempre foi assim». E a criança? A criança acredita na mãe, tem fé naquilo que ela diz e faz.

S. Tomé viu as feridas do Senhor, feridas de Amor. Viu e reconheceu o seu Senhor e o seu Deus no crucificado. Por isso, S. João poderá dizer que aquilo que vence o mundo é a fé. São os «olhos da fé» que nos fazem ver o mundo como o vê o Senhor. O drama da nossa vida espiritual está em tantas vezes acharmos que é mais real a experiência da dor e do mal que vemos à nossa volta do que a amor d'Aquele que Se doou, numa oferta de amor que vai para além da morte, para além das portas fechadas.

Como aumentar a nossa fé? Ter fé, para um cristão, é acreditar numa pessoa e não em doutrinas, conceitos, leis ou regras

que nos podem salvar. E, para termos confiança numa pessoa, a única possibilidade é conhecer essa pessoa, estar com ela, passar tempo com ela. Assim, somos chamados ao contacto pessoal e frequente com o Senhor. Os Apóstolos acreditaram porque viveram com o Senhor. Tinham contacto pessoal com Ele. Abraão, nosso pai na fé, acreditou porque ouviu a voz do Senhor. E nós? Na verdade

também nós somos chamados a ouvir a voz do Senhor, como Abraão, e a ter um contacto pessoal com Ele através da oração e do testemunho dos nossos irmãos. Quem conhece o Senhor, quem está habituado a estar na sua presença, não precisa de outros argumentos para a verdade da sua fé. Tal como a criança que, nos braços da sua mãe, não precisa de outra justificação que não seja o saber-se amada.

Seg, 4 – ANUNCIAÇÃO DO SENHOR (Solenidade) – [Transf.]

Is 7, 10-14; 8, 10 / Slm 39 (40), 7-11 / Heb 10, 4-10 / Lc 1, 26-38

Eis a escrava do Senhor. (Evang.)

Toda a minha vida achei esta expressão um horror. Só agora, quando estava a escrever este comentário, é que pensei que ser escravo de Deus deve ser uma maravilha. Que feliz que Nossa Senhora foi por ter sido a escrava do Senhor! Deve ter tido muitos momentos felizes. Não sabemos porquê, mas os Evangelhos quase só nos relatam episódios em que Nossa Senhora sofre por causa de Jesus. É pena, muita pena. Ser escravo do Amor é uma maravilha. O leitor está convencido disso?

Ter, 5 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 4, 32-27 / Slm 92 (93), 1-2.5 / Jo 3, 7b-15

O Senhor é rei num trono de luz. (Salmo)

Deus reina num trono de uma luz que nos guia. Então sentemo-nos no seu trono e deixemos que Deus nos encha da sua luz. Deus não é como os reis da terra, que têm soldados para que ninguém mais se sente no seu trono. O trono de luz de Deus é para todos nós. É a luz do trono que nos ensina como amar o mais possível em cada momento. O leitor faça isso.

Qua, 6 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 5, 17-26 / Slm 33 (34), 2-9 / Jo 3, 16-21

Este pobre clamou e o Senhor o ouviu, salvou-o de todas as suas angústias. (Salmo)

Nós vemos que Deus não nos livra das nossas angústias, das nossas ansiedades. Mas se temos com Ele uma relação profunda, também vemos que, em união com Deus, as nossas angústias são mais fáceis de levar. O que exige o enraizamento de um hábito, porque se a angústia é muita, o nosso movimento natural é fecharmo-nos. Temos que estar habituados a comunicar as nossas angústias a Deus. O leitor está?

Qui, 7 – S. JOÃO BATISTA DE LA SALLE (Memória)

At 5, 27-33 / Slm 33 (34), 2.9.17-20 / Jo 3, 31-36

«Quem se recusa a acreditar no Filho (...), a ira de Deus permanece sobre ele». (Evang.)

E o que é acreditar no Filho? É amar. Amar é preocupar-se por quem está ao nosso lado. O leitor já reparou que é muito mais fácil contribuir para o Banco Alimentar Contra a Fome do que dar atenção àquela pessoa que conheço, que vive sozinha, mas a cuja casa eu nunca vou porque não arranjo tempo nem vontade? Ou dar atenção àquele colega aborrecido do trabalho que tem tantos problemas em casa? Não acalme a sua consciência com a caridade da moda. Olhe para quem está ao seu lado. Olha?

Sex, 8 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 5, 34-42 / Slm 26 (27), 1.4.13-14 / Jo 6, 1-15

Uma só coisa peço ao Senhor: habitar na sua morada. (Salmo)

Quando imagino a morada de Deus, penso sempre que bom vai ser conhecer uma data de gente cuja obra aprecio. A morada do Senhor não é incompatível com a beleza deste mundo. Pelo contrário, aumenta-a infinitamente. Aumenta infinitamente a beleza, o amor, o prazer... Deste último normalmente não se fala. No Céu, vai ser um prazer infinito. O leitor habitue-se a pensar no Céu como uma coisa muito boa.

Sáb, 9 – SEMANA II DO TEMPO PASCAL

At 6, 1-7 / Slm 32 (33), 1-2.4-5.18-19 / Jo 6, 16-21

Quiseram (...) recebê-Lo [no barco] (...) mas logo o barco chegou... (Evang.)

Neste Evangelho, parece que os discípulos vão sempre à frente de Jesus. Há um certo desfasamento entre o ritmo de Jesus e o dos discípulos. É uma versão diferente da história das pegadas na areia. Nas duas, Jesus está presente, nas duas sentimo-nos desprotegidos até percebermos como é que Jesus atua. Esta sensibilidade cultivava-se diariamente, meditando sobre a nossa história com Jesus. O leitor medita sobre isto?

Dom, 10 – DOMINGO III DA PÁSCOA – Ano C

At 5, 27b-32.40b-41 / Slm 29 (30), 2.4-6.11-12a.13b / Ap 5, 11-14 / Jo 21, 1-19

«Tu amas-me?» Jesus Cristo, morto e ressuscitado, dirige estas palavras a Pedro e, hoje, cada um de nós escuta-as dirigidas a si. Estas palavras do Senhor são o princípio e também o fim de todo o Evangelho.

Depois da ressurreição, os discípulos são enviados a anunciar, na normalidade do seu dia a dia, que o Senhor está vivo. É na normalidade da vida que a missão de revelar o Pai tem lugar. Por isso, uma vez que Pedro é pescador, vai pescar: se, por um lado, é na normalidade da sua vida que o Senhor Se lhe manifesta, por outro, Pedro manifesta o Senhor aos seus irmãos.

No centro de tudo está o amor de Jesus, como podemos ver pela tríplice pergunta que o Senhor dirige a Pedro. Na ver-

dade, esta tríplice questão colocada a Pedro e a cada um de nós, mais do que a conclusão do Evangelho de João, é uma abertura para a vida que se segue: abre ao mundo o horizonte da Vida Nova que o Filho oferece aos seus irmãos. Jesus, tendo cumprido a sua missão de amar os irmãos com o mesmo amor do Pai, agora regressa ao nosso íntimo no Espírito Santo que nos habita e nos convida a cumprir as suas obras, as obras do Amor. Assim podemos perceber porque é que S. Paulo, escrevendo aos Coríntios, diz que eles são «uma carta de Cristo escrita, não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne que são os vossos corações».

Pedro, na noite da Paixão, tinha pensado que, mesmo que todos traíssem o Senhor, ele não o faria. Confiava ainda muito nas suas forças e nas suas capacidades. Por isso o Senhor pergunta-lhe se ama “mais” do que os outros, para que ele possa redimensionar a sua pretensão de ser melhor do que os outros. Mas é mais do que isto: o amor tem na sua raiz o “mais”. E é verdade que o amor é uma competição, não com os outros, mas consigo mesmo. Uma luta para vencer o egoísmo, o orgulho e o medo. O amor funciona só em chave de “mais”: se não cresce, diminui. Sempre mais humildade, mais dedicação. Amar é a nossa participação no “mais” de Deus, à imagem do qual somos criados. Por isso o nosso coração é sempre impelido pelo desejo de “mais”, uma centelha da presença divina em nós.

O nosso amor é sempre resposta a um amor recebido e o amor recebido realiza-se no perdão. É no perdão que o amor revela a sua essência gratuita.

Pedro experimentou que quem mais ama é aquele a quem mais foi perdoado (cf. Lc 7, 42ss). Porque se experimenta pecador perdoado, gratuitamente perdoado, pode agora «apascentar» a Igreja de Cristo.

A missão da Igreja é amar cada homem e cada mulher para que sejam livres para amar. É para esta liberdade que Cristo nos libertou. Pedro recebe a missão de ser um pastor que segue o Mestre, é chamado a entrar pela porta que Ele é, sabendo que o Pastor é o cordeiro que assumiu sobre Si o pecado do mundo. Assim, cada pastor é também ovelha, porque sabe que o Bom Pastor, o Pastor belo, deu a vida por ele. Pedro pode agora ser pastor porque se sabe perdoado. Pode apascentar as ovelhas do Senhor porque têm consciência do amor do Senhor. Porque se sabe pecador, pode descobrir a imensidão do Amor do Senhor que é Perdão. Pedro sabe agora que «é deveras amigo» do Senhor, não por sua capacidade, mas por dom de Deus.

Seg, 11 – SANTO ESTANISLAU (Memória)

At 6, 8-15 / Slm 118 (119), 23-24.26-27.29-30 / Jo 6, 22-29

A obra de Deus consiste em acreditar... (Evang.)

Acreditar tem que envolver o coração, a cabeça e as mãos. A relação com Deus envolve todo o nosso ser. Em última análise,

acreditar consubstancia-se na nossa ação. É aí que provamos em que é que acreditamos. É pela ação que nos transformamos no amor e o amor se transforma em nós. Caro leitor, as pessoas à sua volta notam a sua transformação no amor?

Ter, 12 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 7, 51 – 8, 1a / Slm 30 (31), 3cd-4.6ab.17.21ab / Jo 6, 30-35

Quem vem a Mim nunca mais terá fome. (Evang.)

Se isto fosse à letra, não nos faltariam cristãos. E também pode ser lido à letra. Se a humanidade estivesse convertida a Cristo, convertida de facto, não digo só sob a capa da religião cristã, os recursos do mundo chegariam para todos. Ora isso não acontece, mas está nas nossas mãos fazer algo pelo próximo. Com atos nossos, com atos do leitor. Caro leitor, quem é o seu próximo? Quem é o seu doente caído na estrada?

Qua, 13 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 8, 1b-8 / Slm 65 (66), 1-3a.4-7a / Jo 6, 35-40

Saulo, por sua vez, devastava a Igreja. (1ª Leitura)

Quem vive dentro de nós? Saulo ou Paulo? Não seremos nem tão grandes como S. Paulo nem mortíferos como Saulo. Andamos contentes com o nosso “mais ou menos”, alguns com grande atividade, alguns com grande oração, poucos tentando metodicamente progredir todos os dias na maneira de amar. Ora, se não progredimos na maneira de amar, não estamos em comunhão com Deus. O leitor medite sobre isso.

Qui, 14 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 8, 26-40 / Slm 65 (66), 8-9.16-17.20 / Jo 6, 44-51

Ninguém pode vir a Mim, se o Pai, que Me enviou, não o trouxer. (Evang.)

O leitor já se imaginou a ser transportado até Jesus no colo do Pai? «Agora vais ter com o meu filho, que Ele tem muitas coisas para te ensinar, mas Eu estou aqui sempre que quiseres falar Comigo», dir-nos-á o Pai. Leitor, imagine-se levado pelo Pai a Jesus. Agarrado

ao braço do Pai, no colo do Pai. E o Pai diz a Jesus: «Toma conta dele, não mo percas, faz dele um santo. Fala-lhe de Mim...».

Sex, 15 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 9, 1-20 / Slm 116 (117), 1-2 / Jo 6, 52-59

Quem come a minha carne (...) tem a vida eterna. (Evang.)

Hoje vou propor ao leitor que medite sobre fazer isto: testemunhar o que é para si comungar. O leitor repare que temos uma preparação para a primeira comunhão, para “receber o Jesus”, mas depois não há uma reflexão acompanhada sobre o significado de comungar. Há vários cristãos cheios de boa vontade a quem a eucaristia não diz nada e que às vezes nem o dizem por vergonha. O leitor reze sobre a minha proposta.

Sáb, 16 – SEMANA III DO TEMPO PASCAL

At 9, 31-42 / Slm 115 (116), 12-17 / Jo 6, 60-69

Estas palavras são duras. (Evang.)

Seguir Jesus, muitas vezes, não é agradável. E se, para nós, for sempre agradável, é porque não estamos no bom caminho. Porque contrariar o pecado custa. Se a relação com Deus não nos custa, talvez não estejamos a contrariar coisa nenhuma. O que é que o leitor está a contrariar?

Dom, 17 – DOMINGO IV DA PÁSCOA – Ano C

At 13, 14.43-52 / Slm 99 (100), 2.4.5.6.11.12.13b / Ap 7, 9.14b-17 / Jo 10, 27-30

Este é o Domingo do Bom Pastor, último dia da semana de oração pelas vocações. Na tradição oriental, o rei tinha o título de Pastor: era o guia do seu povo. Também na Igreja somos conduzidos por pastores que, à imagem do nosso único pastor, Jesus Cristo, o bom Pastor,

guiam as suas comunidades para o encontro com o Pai. Óscar Romero, recentemente beatificado, pouco tempo antes de ser assassinado, dizia: «Como pastor desta comunidade, estou obrigado a dar a vida pelos que amo [...], inclusive por aqueles que me vão assassi-

nar. Se chegarem a cumprir as ameaças de morte, desde agora ofereço a Deus o meu sangue pela redenção e pela ressurreição de El Salvador».

O sacerdote, pastor da sua comunidade, é chamado a dar a vida por aqueles que o Senhor lhe pediu que cuidasse. A graça de Deus que ele recebe é sempre para o Corpo místico de Jesus formado por todos nós, com Cristo como cabeça porque o Espírito Santo é dado à Igreja, pela Igreja e através da Igreja a cada um de nós. O sacerdócio cristão não pode ser compreendido fora deste contexto: é na Igreja e para a Igreja, é um sinal visível e eficaz da presença de Deus no meio de nós.

O sacerdote, chamado a ser imagem e presença do Bom Pastor, só pode ser compreendido pela graça e pela fé. Às vezes, aqueles que não acreditam acham que os padres até podem ser úteis como operadores sociais, professores ou como bom exemplo moral e social: são normalmente pessoas instruídas e estão à disposição de todos, dos mais tristes e sós, e por isso são úteis. Podem mesmo chegar até a dizer que a Igreja, enquanto instituição, é de grande utilidade pública. Eles não sabem que a Igreja é, em primeiro lugar,

mediadora do Espírito Santo através da oração.

A oração do corpo que é a Igreja, especialmente a Eucaristia, sendo oração de toda a Igreja e não de um simples indivíduo, tem a força de tornar verdadeiramente presente Deus no meio de nós e não depende da santidade individual de cada um. A Eucaristia é a oração do corpo e não simplesmente do padre, por isso o seu valor não depende da santidade do sacerdote: ele pode ser santo, medíocre ou pecador, mas o Senhor faz-Se sempre presente no meio dos irmãos reunidos à volta do seu pastor.

É em Igreja, enquanto comunidade de irmãos e irmãs reunidos em comunhão com o nosso pastor, que recebeu a graça sacerdotal e, por isso, tem como missão transformar e santificar o mundo, que somos todos, como comunidade, chamados a ser sinal da presença de Deus.

Termina hoje a semana de oração pelas vocações. Vale a pena pedir ao Senhor a graça da fidelidade para toda a Igreja, pedindo pelos seus pastores e também por todo o Corpo que formamos, para que sempre e em tudo procuremos a vontade do Senhor.

Seg, 18 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 11, 1-18 / Slm 41 (42), 2-3; 42 (43), 3-4 / Jo 10, 1-10

Eu sou a porta das ovelhas. (Evang.)

Jesus é a porta. As ovelhas não gostam de passar por essa porta. É estreita (Lc 13, 23-24). Preferem andar pelos campos, por onde podem correr à vontade. Embora aquela porta represente a segurança e o aconchego – não se perdem, o lobo não ataca e estão protegidas da intempérie – as ovelhas preferem a liberdade dos campos. Também nós preferimos uma liberdade aparente, mas temos cabeça para saber o que está para lá da porta e coração para o preferir. É uma escolha de todos os dias. O leitor escolhe bem?

Ter, 19 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 11, 19-26 / Slm 86 (87), 1-7 / Jo 10, 22-30

Ninguém as arrebatará da minha mão. (Evang.)

Os outros não têm capacidade de nos arrebatam da mão de Cristo. Nós é que o podemos fazer. Quando não damos o nosso melhor, quer dizer, quando não amamos com todas as forças, coração e inteligência, estamos a fugir da mão de Cristo. É muito difícil mantermo-nos sempre, completamente, nas mãos de Cristo. Mas de vez em quando podíamos amar com tudo o que temos de melhor. Expressamente. O leitor quer experimentar? Considere ocasiões. Reze sobre isso.

Qua, 20 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 12, 24 – 13, 5a / Slm 66 (67), 2-3.6.8 / Jo 12, 44-50

As palavras que Eu digo, digo-as como o Pai mas disse a Mim. (Evang.)

Jesus mostra-nos o Pai para que possamos ter alguma relação com o Pai. Por sua vez, o Pai deu-nos Jesus e Jesus deu-nos o Espírito Santo. O Espírito Santo ilumina o nosso caminho para Jesus e para o Pai. Hoje, só queria que o leitor tivesse bem consciência disto. Que tem três pessoas (a Santíssima Trindade) a quem rezar. Às vezes, fixamo-nos numa como se as outras não existissem e perdemos a sua riqueza. Hoje o leitor reze sobre isto ao Espírito Santo.

Qui, 21 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 3, 13-25 / Slm 88 (89), 2-3.21-22.25.27 / Jo 13, 16-20

“Quem come do meu pão levantou contra Mim o calcanhar”. (Evang.)

Quem se tinha levantado contra Jesus era Judas. Não sejamos rápidos demais a atirar-lhe pedras. Também nós nos levantamos contra Jesus, por estarmos cansados, indolentes, por haver coisas que nos atraem mais. Amar é difícil, é cansativo e requer inteligência. Não nos vem espontaneamente. Se o leitor não se sente a fazer um esforço por amar, não está no bom caminho. (Fale com Jesus sobre isso.)

Sex, 22 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 13, 26-33 / Slm 2, 6-11 / Jo 14, 1-6

Não se perturbe o vosso coração. (Evang.)

Bem gostaríamos que o nosso coração não se perturbasse. A humanidade tem-se esforçado por tirar a perturbação de dentro de nós. A ausência de perturbação a que Jesus Se refere é a confiança n’Ele e na sua orientação, que é independente da eventual necessidade de um psiquiatra. A confiança em Jesus não nos vai tirar o desagradável das situações, mas dá-nos uma paz que quem vive agarrado a “nada” não tem.

Sáb, 23 – SEMANA IV DO TEMPO PASCAL

At 13, 44-52 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / Jo 14, 7-14

(...) Eu vou para o Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, Eu o farei. (Evang.)

O mesmo é dizer “o que for vontade de Deus”. Então não parece que haja uma grande vantagem em pedir, porque normalmente o que nós queremos é “dobrar” a vontade de Deus em prol das nossas intenções. Mas vale mesmo a pena pedir porque podemos intensificar a ação de Deus. Por outro lado, habituamo-nos a andar abertos à vontade de Deus, sem a querer controlar. E a pensar que a vontade de Deus é o melhor para nós.

Dom, 24 – DOMINGO V DA PÁSCOA – Ano C

At 14, 21b-27 / Slm 144 (145), 8-13ab / Ap 21, 1-5a / Jo 13, 31-33a.34-35

«Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei», diz o Senhor. Este é o novo mandamento que Jesus nos apresenta: a novidade é que o Filho de Deus doa a sua vida, que é o amor, e que quem come a sua carne e bebe o seu sangue recebe-a. Este novo mandamento não se opõe à lei, mas é o seu cumprimento, a sua realização na nossa vida.

O mandamento não é só para que amemos, mas para que amemos como Ele nos ama e com o seu amor. Somos enviados a amar como Ele ama e a amar com o seu amor. A sua entrega é a nossa fonte de vida. É n'Ele que somos vivos! Por isso este mandamento mais não é do que o mandamento a realizar aquilo que somos: é o seu amor que faz de nós filhos e se amamos é porque somos amados. A nossa vida é o Amor do Senhor. Viver, para o cristão, é amar porque se é amado. E é deste sinal que seremos reconhecidos como discípulos do Senhor. Não são as regras, as leis, as doutrinas que identificam o discípulo do Senhor, mas o amor.

Um missionário em África escrevia no seu diário que alguns adoram o Senhor estando de joelhos diante do Santíssimo e que ele procurava fazer a mesma adoração de Cristo nos doentes que servia estando diante deles, de joelhos, a tratar-lhes das feridas. Às vezes, criticam-se algumas pessoas porque dizem servir os doentes e os pobres porque veem neles Cristo, pobre e doente. Dizem alguns, muito críticos, que deveriam servir as pessoas por aquilo que são e não por causa de Cristo. Para o cristão, este é um falso problema: S. Paulo insiste que a união de cada um de nós com Cristo é tão íntima que Ele penetra no nosso íntimo mais profundo. Se um cristão vê Cristo no seu irmão, não se está a recordar de um outro através da pessoa que está diante dele, mas a reconhecer a intimidade de quem está a servir.

Somos chamados a cuidar uns dos outros, isto é, a amar-mo-nos uns aos outros, não porque estejamos a fazer um favor a Jesus, ou então porque queremos cumprir uma regra para irmos para o Céu, mas

porque é a realização do nosso próprio ser. Ver Jesus nos nossos irmãos significa, então, reconhecer a nossa realidade: somos parte do corpo de Cristo. Somos de Deus e habitados pelo Espírito Santo. Assim, é claro porque é que amando os irmãos reconhecemos neles o mesmo Senhor que deu a vida por nós. É o amor, e só o amor, que nos permite perceber estas coisas. Só o amor nos dá os olhos capazes de reconhecer Jesus no rosto do nosso irmão

e da nossa irmã. Só o amor permite que entreguemos a vida uns pelos outros. É isto que S. João nos diz quando nos desafia, dizendo: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus. Aquele que não ama não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor... [Por isto] damos conta de que permanecemos n'Ele, e Ele em nós» (cf. 1 Jo 4, 7-8.13).

Seg, 25 – S. MARCOS EVANGELISTA (Festa)

1 Pe 5, 5-14 / Slm 88 (89), 2-3.6-7.16-17 / Mc 16, 15-20

Deus resiste aos soberbos. (1ª Leitura)

Uma pessoa soberba é uma pessoa cheia de si. Deus veio para os pobres, não para aqueles que já estavam cheios. No purgatório, precisamente o que nos acontece é sermos limpos do que ainda não é Deus, para que Deus possa preencher todo o nosso ser. Ora, podemos fazer essa limpeza na terra reconhecendo o nosso pecado de uma maneira saudável. E, sobretudo, delineando estratégias para substituímos esse pecado com atitudes que permitam a Deus entrar em nós. O leitor medite sobre isto.

Ter, 26 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

At 14, 19-28 / Slm 144 (145), 10-13ab.21 / Jo 14, 27-31

Não se perturbe nem intimide o vosso coração. (Evang.)

Aqui está um bom estímulo para que não nos intimidemos se tivermos que fazer alguma coisa de evangélico – que entendamos ser a vontade de Deus – que nos custa. Pode ser uma tarefa que temos entre mãos, pode ser uma conversa, uma coisa fisicamente

exigente ou algum tratamento mais ou menos complicado. Jesus diz que não nos intimidemos, que Ele está conosco. Hoje, o leitor medite sobre isto, absorva isto.

Qua, 27 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

At 15, 1-6 / Slm, 121 (122), 1-5 / Jo 15, 1-8

Eu sou a verdadeira vide. (Evang.)

Jesus é a verdadeira vide, quer dizer, a vide a que nós devemos estar ligados. Se estivermos ligados, damos frutos automaticamente. Tudo está no querermos estar ligados. Depois, ela dá-nos a sua seiva para produzirmos fruto. Claro que, quanto mais dificuldade o fruto tiver em rebentar, mais seiva iremos buscar à videira. É importante sugarmos mais seiva nas ocasiões de maior produção. Não cairmos na tentação de produzir sozinhos. Rezemos. (Peçamos seiva.)

Qui, 28 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

At 15, 7-21 / Slm 95 (96), 1-3.10 / Jo 15, 9-11

Permaneei no meu amor. (Evang.)

Se permanecermos no seu amor, poderemos dar grandes passeios com Ele, sentarmo-nos ao seu colo, trazê-Lo conosco durante todo o dia, ir falando com Ele, sentarmo-nos com Ele a ver televisão e comentarmos com Ele um filme, os anúncios, o telejornal, etc. Ou o leitor acha que há aspetos da sua vida por que Jesus não Se interessa? Acha? Acha mesmo? Então acha que Jesus só Se interessa por bocados do seu dia? E durante o resto do tempo Jesus vai andar de bicicleta? O leitor é que tem de se habituar a estar todo o dia no amor de Jesus. Ele não quer outra coisa.

Sex, 29 – SANTA CATARINA DE SENA (Festa)

1 Jo 1, 5 – 2, 2 / Slm 102 (103), 1-4.8-9.13-14.17-18 / Mt 11, 25-30

Escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos. (Evang.)

Só conheço três aparições de Nossa Senhora: Fátima, Lourdes e Guadalupe (México, século XVI). Nas três aparições, Nossa Senhora aparece a crianças pobres ou miseráveis. Não sei explicar porquê, mas que eram “pequeninos” eram, e muito. Que características deles é que o leitor tem que assimilar para que Deus lhe “apareça”?

Sáb, 30 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

At 16, 1-10 / Slm 99 (100), 2.3.5 / Jo 15, 18-21

A minha escolha separou-vos do mundo. (Evang.)

Para S. João, o mundo representa o mal. Escolhidos por Cristo, vivemos separados do mundo do mal e ao mesmo tempo no meio dele. Mas não misturados. A nossa missão é levar Deus ao mundo do mal. É consertar a cana fendida, dar lume à mecha que fumeira (Is 42, 3), é acolher os desconsolados, dar força aos desamparados, dar de comer a quem tem fome, vestir os nus. O que é que o leitor fez disto esta semana?



O VIDEO DO PAPA

Rede Mundial de Oração do Papa

